



## XII

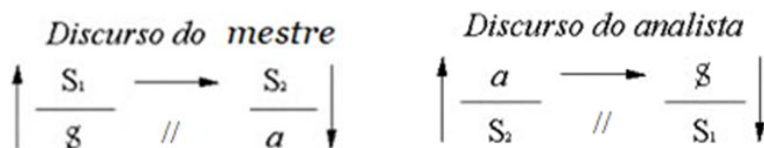
### Reflexões em tempos de guerra e morte <sup>1</sup>

Temos um fio, o fio do objeto, sempre o objeto em crise. Para quem está chegando hoje, trata-se da crise da função do objeto na civilização judaica-cristã-bolsonariana.

Este seminário investiga a função da causa, a função do resto, que são as maneiras de Lacan trazer o objeto *a* diante de uma espécie de crise desta função, na clínica e no discurso. Essa crise é discutida e, ao mesmo tempo, a gente vê como é necessário essa função causa e função resto para nossa clínica cotidiana.

O meu objetivo é interrogar como se faz sem ele, esse é um seminário de perda, a gente pega, entende, vê que é bom e pensamos: “*ah! está cada vez mais difícil isso*”. É também um seminário de limite, de borda, um seminário de fim de mundo, neste sentido, a borda do mundo. Achei que a última vez foi muito claro, com Achille Mbembe, a definição dele de fim de mundo é muito clara, fim do humanismo e para a gente é fim do discurso do mestre, mas não acabou.

#### O discurso do mestre e o discurso do analista



<sup>1</sup> Este texto reproduz encontro de 08.12.2018, do seminário do ICP-RJ “A Clínica do Fim do Mundo”, transcrito por Cida Malveira.

O discurso do mestre é o avesso do discurso do analista. É disfuncionamento, então, se o discurso do mestre é o avesso do discurso do analista, se o discurso do mestre é disfuncionamento, o discurso do analista funciona menos. O que não quer dizer que a análise não acontece.

O discurso do analista, tal como teorizado por Lacan, é uma maneira específica de pensar a ação do analista. Aqueles que chamamos de analista, faz muita coisa, numa análise acontece muita coisa, quando acontece aquilo que Lacan dizia, *isso é análise*, acontecia o discurso do analista, isso envolvia esse objeto resto, objeto *a*.

A interpretação analítica para Lacan é uma interpretação que incide sobre esse objeto, a reconfiguração e as surpresas de uma análise, envolve esse objeto, a repetição que se encontra na análise sempre a mesma coisa, a apresentação dessa repetição do encontro faltoso com esse objeto. O final é quando você dá um jeito nesse objeto, tudo está mais ou menos articulado a esse objeto, e aí temos um problema, porém, o próprio Lacan avança e propõe outras coisas, mesmo quando ele estava falando dessa ação analítica, paradigma do que é o ato analítico, ele estava tratando de outras coisas. Mais para frente no ensino de Lacan, ele vai pensando outras coisas que não envolve esse objeto, não estamos completamente órfão de Lacan, especialmente do que Miller convencionou chamar de último ensino de Lacan, não estamos órfãos, tem muita coisa lá e vamos para lá no ano que vem.

A princípio o que eu queria é fazer com os que estão por aqui, peguem esse jeito, temos um número razoável de gente que está mais ou menos pegando o que é a função do objeto no ato analítico e a crise desse ato por conta da função desse objeto.

Esse é o seminário, esse seminário desse mundo não está fácil, o fim do mundo já aconteceu. E nosso próximo seminário vai se chamar “seminário, depois do fim do mundo”, vamos mudar, o ano que vem vai chamar “depois do fim do mundo”.

O fim de um Brasil, o fim de uma ideia de Brasil, o fim de uma impressão de articulação entre humanos e loucos, entre direitos humanos e uma civilização da barbárie, articulação sobre isso, tinha-se uma ideia sobre isso, grande parte dos presentes aqui, tinha uma ideia sobre isso, tudo isso parece que se perdeu, isso nos deixa perdido. Eu não quero passar para a teorização do que aconteceu, temos que ficar na perplexidade, cada um saiu da perplexidade como pode, imagino que a maioria aqui já não esteja naquela situação de horror e perda, e uma maneira que encontrei foi “vamos fazer uma lista de tudo aquilo que não dá para abrir mão”, senão não tem mais análise. O inventário destas notas, sem isso não dá, parece que o mundo acabou, mais sem isso não dá, não vai ter isso, então, desisto.

Mas ao mesmo tempo com a sensação que talvez não tenha acabado, isso tudo ainda vale? Vou fazendo a lista com vocês, fui fazendo a lista, assim como Achille Mbembe, me tirou da depressão no primeiro turno, essa listazinha também me tirou, por isso quero compartilhar com vocês. Vocês vão ver que é um seminário, parecendo mais final.

Em 2016 dei um Curso livre no ICP-RJ que dei o nome de “O livro de bolso do analista cidadão”, agora parece mais válido, as notas que fiz é para o futuro, mas o título “O livro de bolso do analista cidadão”, parece pretensioso, mas trabalhar e dependendo do que a gente fizer talvez vire realmente coisas, por enquanto são notas e esboços.

## Notas para um livro de bolso do analista cidadão

Porque analista cidadão? Todos já ouviram falar do texto de Éric Laurent, **Analista-cidadão**, - em anexo -, de 1999, num tempo que o paradoxo dessa expressão fosse: *como um analista pode ser cidadão?* O paradoxo dessa expressão envolvia uma ideia de analista extraterritorial, que é uma ideia mais ou menos clássica é mais ou menos lá, análise seria aquele espaço fora do mundo, um espaço meio zen, um espaço que você pára para pensar sua vida de fora, essas ideias do que seria um espaço analítico, envolve esse termo que Lacan chamou extraterritorialidade do analistas e as vezes atopia, o analista seria atópico como Sócrates que era atópico na cidade. Então quando se tem essa ideia de psicanálise e você fala em analista cidadão, Laurent estava querendo ir contra essa ideia.

No final das contas, é óbvio, os analistas todos trabalham na cidade, pagam impostos, fazem coisas ou não, sonegam impostos, fazem parte da cidade, os analistas são cidadãos, mas o analista, função analista, é cidadã? Isso cria um paradoxo, porque sabemos que a resposta não é imediata, se disser simplesmente que a função analista é uma função contingente, “você é analista às vezes”, já é difícil dizer que isso é ser cidadão. O cidadão à princípio não é contingente, você tem o direito de estar e viver e se deslocar na cidade, não é às vezes sim e as vezes não, tem realmente um paradoxo na expressão, analista cidadão.

Como eu digo sempre, “não somos analistas no chuveiro, somos analistas para alguém”, às vezes, se é assim, já temos uma dificuldade em colocar o analista no SUS- Sistema Único de Saúde, isso quando poderíamos acreditar que o SUS não iria ser destruído.

Estou falando desse tempo em que Éric Laurent trouxe essa expressão, a princípio o SUS significa “todos tem direito à”, a análise todos tem direito, mas algumas vezes acontece outras vezes não. Não é uma questão de direitos, mas uma questão que envolve uma ética da contingência que não é a mesma ética do universal do SUS, não é que elas tenham contradições mas que não coabitam passo-a-passo.

Essa foi uma grande discussão, mais hoje, estamos noutra situação paradoxal, que é talvez não ter mais cidadãos, o analista cidadão tem um valor, essa expressão hoje é para dizer tem que ter cidadão, não sei se analista e cidadão é contraditório ou não. A análise envolve cidadania, esse é um dos pontos. Porque estamos sem cidadania, sem cidadão?

Achille Mbembe, diz que é porque somos todos consumidores do mercado e não mais cidadãos de um estado de direito. O Estado de Direito pode coabitar com o mercado mas quando o mercado começa a definir o que são direitos e deveres, começamos a ter uma situação que é a de “empuxo ao consumo”, quando você pode, quando não pode você não existe. Isso nós já vimos de algumas maneiras.

Isso tem um histórico, por exemplo: a corrosão do caráter, é sempre quando se está numa situação, hoje, você está numa grande empresa, funcionando na lógica da corporação do mercado, sua força de trabalho é uma força de aluguel que você empresta, você não é mais trabalhador, empresta, recebe e vai embora, por isso que os direitos trabalhistas vão embora, não é só por causa do tempo, ou sei lá o que mais. A ideia é que “você está trabalhando e mudando de lugar o tempo todo. Trabalho não é mais uma entidade, isso tudo são teorizações do sociólogo, sob os efeitos dos impactos da economia de mercado, do capitalismo último nas vidas.

Se eu sou jogador do fluminense, “eu sou jogador do fluminense”, não! Passo um tempo vendendo meu trabalho, “vendendo minha capacidade” para o fluminense. Vestir a camisa não é muito mais o clima, inclusive “vestir a camisa de uma empresa”, isso é mal visto, não tem que ficar anos numa empresa, tem que mudar, tem que estar pelo mundo, ser cidadão de todo lugar. Quando o cidadão, que é aquele que faz parte de um coletivo, sustenta e se beneficia de um certo número de pacto nas instituições, quando o cidadão está ameaçado, “O Livro de Bolso do Analista Cidadão”, me parece interessante retomar essa expressão.

Se naquela época era a coabitação entre o analista cidadão, o problema agora é a vida do analista numa cidade que não tem mais cidadão, promete não ter. A cidadania de alguém que faz parte de uma comunidade de base religiosa, tenta se substituir a cidadania dos direitos de ir e vir da constituição, isso estou falando pensando no Marcelo Crivela – prefeito do Rio de Janeiro – porque ele pode destruir o NASF: Núcleo de Apoio a Saúde da Família, porque ele falou, para quê? As comunidades religiosas vão fazer o papel, é por isso, não é porque eu quero destruir, não precisa, é outro modelo, tem todo um modelo em que no Brasil, o Estado é substituído, por exemplo, comunidade de cunho mais ou menos religioso, que cria uma situação como a do Crivela, destruindo a saúde do Rio de Janeiro.

No Brasil, de um lado, o mercado e do outro a crença da aposta na produção de sentido da religião para contrabalançar essa corrosão do mercado, isso se articula e para que precisar da Constituição? Quem está do lado desse lado são os cidadãos, nesse sentido do que estamos tratando, do analista-cidadão. Analista precisa de gente que vá fazer análise e não necessariamente para fazer análise, para conversar com Deus, ou vai fazer análise para adquirir a última performance, esses são os dois lados.

## Reflexões sobre a psicanálise em tempos de guerra e morte

### ***A análise está do lado da democracia.***

A análise existiu em várias ditaduras e ao que consta, houve um *boom* de psicanálise durante a ditadura. Podemos explicar de várias maneiras, sociologicamente, as pessoas precisavam de um lugar para contar seus segredos, mas existiu análise. A análise não é “só posso existir na democracia, mas ela é fim, com a democracia. Poderíamos dizer “as pessoas tem que falar sem medo”, é, mas também falamos com medo, também fazemos análise, “as pessoas têm que falar sem vergonha, sem medo de serem delatados”, claro, talvez o essencial para marcar essa afinidade entre a psicanálise e a democracia, é de outra forma.

### ***A psicanálise é o lugar de uma fala aberta.***

Não é uma fala livre, quando tentamos falar livremente, a associação livre não é livre, é determinada. Aberta, é, vamos vendo as determinações, como o Outro nos marcou, o Outro do qual se queixa, temos culpa do que fizemos, brigamos com esse Outro, a análise envolve isso tudo, mas até “você fazer isso tudo”, tem horas na análise em que se olha para essas alteridades na sua vida e vai dar um jeito nisso, “você vai acertar a conta com seu destino”. Quando você vai acertar a conta com seu destino, é uma fala que está aberta, para você definir e não brigar, reclamar, se queixar. Em alguns momentos na análise “você tem essa fala aberta”, essa fala aberta é que entendo que

tem afinidade com a democracia, a democracia a princípio é um lugar, onde você pode ter uma fala aberta.

Temos que lutar pelo Estado Democrático de Direito, mas o mais importante é, “é preciso que aja condições para receber alguém, esse que vem, para que possa em algum momento, acertar as contas com seu destino. Isso na democracia é muito mais fácil, claro que num regime ditatorial é muito mais difícil, estamos com medo de tudo.

Quando se está na vigência do ódio e do medo, da polarização, quando se está tomado pelo trauma, não dá. A expressão do Freud é “*não há análise possível, sob a urgência do trauma*”. Você está sendo assaltado e vai fazer análise não dá, tem que ser depois, “você está sendo abusado, vítima do ódio, na hora não dá”, o que não quer dizer que a psicanálise é só depois, quando está tudo em paz, quer dizer que se você está completamente tomado por uma experiência, você não pode falar dela não pode fazer análise.

A democracia talvez seja um bom espaço, porque as coisas não são tomadas assim, “corpos são manipulados, atacados”, a princípio, os corpos representam, o representante se submete, é o coletivo, todo esse jogo de mediação e representação, faz com que a gente não esteja sob a pressão do ódio, exatamente o contrário do que estamos vivendo.

Sob a pressão do trauma não dá, isso não quer dizer que alguém chega e está apavorado que vai ser agredido, se ele está apavorado porque vai ser agredido, é possível ele falar disso, e falar de uma maneira aberta, é possível análise, o que não dá é ele estar sendo agredido, se sentir agredido e não poder falar, só falar e ser agredido de volta ou então fugindo. Nesse sentido quem está fazendo as malas para ir para Lisboa, tem que fazer análise em Lisboa. Quando está buscando o lugar onde você vai poder falar, não é aonde você está saindo, você está desabitando a sua fala é que você vai fazer análise. É quando, também, uma pessoa está em análise, pensando que vai para outro lugar, fazer outra análise. Democracia e análise são afins.

**Participante:** o analista também está sujeito a pressão.

Se vocês aceitam a fala aberta como uma fala imprevisível, nesse sentido é quando você está se dirigindo a sua história, alguma coisa que você sabe que pode acontecer, uma fala nova, “você está acertando as contas”, “não aguento mais, você me xingando”, isso é da repetição. Quando se tem a possibilidade da fala aberta, para que ela seja aberta, o que é possível, o analista não pode estar morrendo de medo. Não quer dizer que tenha que estar num regime democrático, não pode estar morrendo de medo e não pode estar sob a pressão do trauma. Claro, o analisante também, claro.

Remeto vocês ao livro da Helena Besserman, “Não conte a ninguém”, que conta a história do Almicar Lobo, da ditadura.

**Participante:** a análise sobre as instituições psicanalíticas (IPA).

A IPA teve muita história, no seio de seu contexto social, teve ações de apaziguamento e distanciamento. Tem um sujeito fazendo formação em psicanálise e participando de tortura, e o analista sabendo, depois quando tudo foi desvelado, o analista disse “eu estava fazendo análise para ver se ele parava com a tortura”. Complicado, o analista, parece que não estava sob a ação do trauma. Mas ao mesmo tempo ele não estava procurando a fala aberta. Ele devia estar falando: “você tem que largar a tortura ou tá ótimo o que você está fazendo”, tinha qualquer coisa ali, um pacto entre os dois, que impediu a análise.

Se você está numa situação que tem um torturador no seu divã, ou coisa do tipo, você pode dizer “não tenho condição de esperar uma fala aberta dessa pessoa para mim essa pessoa só vai ter uma fala horrorosa”, então, não dá análise, o analista vai embora. A fala aberta, me dá essa organização.

**Pergunta:** inaudível.

O que ela faz é dar um testemunho dela, eu já passei por ai, mesmo que não seja o mesmo sofrimento que você, eu tenho que apostar que posso falar uma fala nova é mais ou menos isso. Ao invés de você ficar tomado pelas coisas, você sempre vai falar algo novo, por mais que você esteja na lama, essa é a ideia sempre.

Mas quando você achar que ali não tem condição, ali não tem condição da análise, se não tem a possibilidade da contingência não tem possibilidade da análise. Bom! Talvez você esteja dizendo isso.

E a mãe que no filme - que interpreta Mujica – José Alberto Mujica”, ex-presidente do Uruguai, ali não sei se vale como interpretação. Ela diz “só peço que ele desista”. Talvez pudéssemos comparar as duas: a lista é uma interpretação no sentido, “eu pude, você pode”, mas nessa a mãe diz “você tem que poder”, acho que os efeitos são bons, dá uma fala nova para ele. Será que aquilo aconteceu mesmo? Tudo muito bonitinho, os policiais têm vergonha, os carcereiros têm vergonha, o sujeito grita na janela, fala baixarias e ninguém vai lá e mata ele de porradas.

Estamos vivendo coisas que parecem muito pior, não consigo imaginar carcereiro com pena, não consigo nem imaginar carcereiro, isso também pode ser um ganho – olha que coisa horrível – tinha um refinamento de crueldade, na nossa ex-ditadura, que talvez era mais humanista.

Drone, tiro, mata, não vai ficar torturando quem não é nada, só apaga, alguma coisa nesse sentido.

#### ***A psicanálise anda melhor na diversidade***

A psicanálise é a fim com a democracia, isso pode dar uma orientação, mas não é obrigatório a fala aberta. É também só para localizarmos. O “eu e o inconsciente”, o inconsciente é feito de fixações múltiplas, inumeráveis, os traços mnésicos, as fixações de libido, vão acontecendo na vida, o narcisismo define o eu, e esse eu passa a interagir, e esse eu é mais ou menos o ego, onde está o inconsciente? Não tem um inconsciente, temos uma pluralidade de fixações, e como disse o Gilson Iannini, todas são *underfree*, ou seja, não se define em gênero, são plurais demais e você não tem como contabilizar todas, então tem um dado ilimitado, no inconsciente, esse é o inconsciente freudiano.

Se a experiência da análise é você trazer essa coisa da diversidade estranha para o eu, para reconfigurá-lo, se surpreende e refaz, se essas coisas falam uma fala que é imprevista, então estamos lidando com a diversidade, desde sempre, não é interessante! Por isso, que funcionamos bem, nas diversidades, por isso que vamos ser atacados junto com o PT, porque temos uma relação com a pluralidade, orgânica.

#### ***O analista não é o defensor do Um***

Não é o defensor daquele que vai fazer sempre a mesma coisa, é defensor daquele que se surpreende com a possibilidade de outra coisa, nele mesmo, ele vai estar sempre do lado disso. Mas ao mesmo tempo se tem um **trans** que só quer uma coisa e só fala a mesma coisa, “desde criança, nasceu menininha no corpo de uma homem”, estamos contra isso ai também, porque ele não é um

**trans** no sentido hard, é um *trans* monotemático, não é estar contra, mas tendemos a levá-lo para uma espécie de experiência da diversidade.

Na UERJ a discussão foi boa, fiz uma pergunta e ele (???) falou “uma análise talvez seja um laboratório de democracia no nível individual”, porque tem um conflito entre todas as coisas, tensões, tem que fazer mediações com todos seus eus. Pararia aí, porque você não vai para o voto, não vai dizer “vamos votar, para ver quem manda”. Seria parecido com aqueles filmes americanos, aquele do sujeito que faz trinta papéis, “fragmentado”, a ideia que americano tem trinta personagens dentro, “fragmentado”, a ideia geral dos americanos que tem trinta personalidades e tem um que vai para a luz e quando ela vai para a luz, domina o eu. Mas se ela perder, entra outra. Não são personalidades múltiplas.

**Partipante:** Divertidamente!

Mais aí é uma composição de afetos, todos juntos.

A ideia básica dos americanos do que é o inconsciente, é que são personalidades múltiplas, e uma lutando contra a outra, isto não é a prioridade do inconsciente, não são pessoas que estão lá dentro, são movimentos de desejo. Nenhum deles têm a integridade de uma identidade. Nesse ponto que eu discordaria com a ideia dele. Que “a psicanálise é um laboratório de democracia a nível individual”, estou de acordo, laboratório de democracia sem necessariamente eleições, votos e poder da maioria. Tem coisas que acontecem, mais surpreendente do que isso.

No filme tem uma dominante que manda, mas ela perde poder e parte para outra intriga. Os americanos têm casos de trinta personalidades múltiplas.

**Participante:** tem Hitler, Napoleão. Esquizofrenia.

Esquizofrenia não vale, a versão das personalidades múltiplas já é uma versão neurótica.

**Participante:** porque não tem personalidades múltiplas no Brasil?

Não sei porque todas as grandes almas do planeta viram índio, velho, caboclo, são coisas da cultura, pomba gira, cigarinha, cadê os outros, são expressões de alguma coisa. Tem um livro do François??? sobre essas coisas, ele dá a história dessa presença na cultura, ele relaciona com a histeria.

### ***A diversidade é nossa amiga.***

Estamos do lado do diverso, quase que naturalmente, não é só do lado da democracia, no sentido da fala aberta, mas também, talvez, do lado da democracia no sentido da ideia de tensões e consenso, só que uma análise aí, nesse ponto é que discordo, uma análise não se resolve por consenso, também não é por poder, não é que o eu manda nos outros, pelo contrário, o inconsciente é um escravo que serve a dois senhores, é um agenciamento, que tem alguma coisa que funciona, essa alguma coisa que funciona não vai servir a regra, do poder, nesse sentido não é bem democracia, mas é diverso, é múltiplo. Falei diversidade para não falar diferença, o parêntese é esse. Todo mundo diz, “ah! você não aceita a diferença”, como assim? É muito simplificado.

Remeto vocês ao livro “Por uma ética do sujeito” de Alain Badiou, ou “Elogio. a intolerância” do Slavoj Žižek. A ideia de aceitar a diferença, isso não quer dizer nada, não se vive sem nenhuma diferença. Badiou trabalha isso nos anos 90, a diferença é apenas moralismo pio, o outro não aceita os meus valores, muito religioso, muito cristão, é isso que Badiou fala.

Romildo propôs a ideia de diferença relativa, é o quanto de diferença você pode aceitar ou não. E ninguém aceita tudo de diferença, “eu incluo o garoto na escola se ele aceitar fazer bagunça, mas se ele começar a querer matar o outro no outro garoto, não dá para incluir”. A diferença, se ela vai para um certo nível de violência que me choca demais, eu já não a aceito, “ele é diferente de mim, ele quer me matar”. “ah! não, se for um diferente eu não aceito, mas se ele diz que eu sou branco e ele é preto, ai aceito.

A ideia de uma ética das diferenças, é uma falácia, porque em algum lugar você vai ter que colocar um limite, até aqui eu aceito o diferente, esse diferente que eu não aceito, os terroristas, por exemplo, não são diferentes, eles querem matar.

Como você define? É isso que eles discutem, saímos dessa dizendo, isso não é diferença relativa, é a absoluta, é a ideia de haver diferença, não podemos abrir mão da pluralidade, de que o mundo é plural. Quem é diferente, quem não é, isso ai é outra história.

Acho interessante para discutir com aqueles que dizem “ah! o pessoal de lá não aceita diferença. Aceita a diferença entre uma Igreja e outra por exemplo, aceita a diferença de uma ala e de outra. O que vocês estão chamando de diferença? Dizemos que a diferença básica nossa, por exemplo, a diferença de opção sexual. Eu não aceito, mas tem algumas opções sexuais, que também não aceito, por exemplo a pedofilia, não aceito. É um engano a ideia de que é diferente em si é bom, diferença é relativa. Agora a ideia que é o absoluto da diferença, isso é o que importa. É isso que quis marcar com as fixações libidinais no inconsciente.

Nossa base é o polimorfismo da pulsão, é o perverso-polimorfo, já partimos daí, numa relação do Um com o eu, mas o eu não manda nisso.

**Participante:** adorei o Henrique falando que a pulsão é *queer*.

A pulsão é *queer*, é isso mesmo.

### ***Uma análise trabalha com o resto.***

Resto não é excluído, resto é aquilo no sentido do objeto *a*, aquilo que deve ser permanentemente excluído, para que a cena se estabilize, para que o eu esteja funcionando, se reconhecendo, continue sendo. Tem que ter um resto permanentemente excluído, o que fazemos é acionar esse resto, fazê-lo vir para justamente desfazer o eu, a análise lida com o resto, não lida com os excluídos no sentido de “ah! vamos incluir os excluídos”. Não! Vamos fazer os excluídos reconfigurar a sociedade.

É um pouco do que Franco Basaglia quis fazer, “vamos colocar os psicóticos andando por ai, que a sociedade muda, não precisa tratar do psicótico, bota, numa sociedade que já acabou com o manicômio e todo mundo se mexe, a própria psicose vai configurar o tecido”. Essa que foi a revolução de Basaglia, por isso que íamos com os psicóticos para o shopping.

O rolezinho é a mesma ideia, só que no rolezinho tinha que refazer o shopping. Nunca vi o shopping Leblon mudar uma virgula, nem sei se já teve um rolezinho lá, o rolezinho faz o shopping mudar, não é a cruzada São Sebastião. No Shopping Leblon temos os que estão de branco e a cruzada São Sebastião os que estão de marrom. Fizeram uma cerca ali, eles não entram. Um do lado do outro. É muito louco.

A Escola Parque, em frente a uma Escola Pública os menininhos na rua pedindo dinheiro para o Natal. Eles não fazem nada com a Escola Pública, ali em frente.



Acionamos o resto para reconfigurar o eu, somos guerreiros do resto, não somos protetores dos excluídos, não somos assistencialistas dos que não podem ter direito as coisas. Não! Somos aquele que aposta que é dos excluídos é que vai haver uma novidade.

**Participante:** quando se fala de democracia eu me lembro de um texto muito informativo, de um pensador dos anos 20 que estava discutindo o que seria a democracia da época? Ele questionava a verdade, a verdade está na minoria, que de alguma forma o Estado teria que garantir, a solução dele, ele fala de intelectuais. De elite.

É bem isso, não é muito antigo, seis meses atrás quando acreditávamos que essa pluralidade estava ganhando da nossa pátria, sabíamos o quanto tinha de discussão sobre as democracias, como um lugar de consenso e não de voto. É difícil isso, você consegue imaginar um grupo que trabalha só com consenso, que não vota nada, consenso progressivo, porque o voto é basicamente o mesmo esquema piramidal do pai, só que ao invés do líder é a maioria, o que ela quer todo mundo aceita, a democracia do voto é uma democracia vertical onde todos se submetem ao poder da maioria, é um espaço de domínio.

Esses dias eu estava dizendo que isso aí não é espaço de domínio, a verdadeira democracia, seria verdadeiramente horizontal. Como seria isso? Não sei. Tem um monte de laboratório nesse sentido, por exemplo, essas discussões sobre as ocupações, onde tem assembleia, consenso, votação, não tinha eleito, não tinha cargo, isso já era uma crise estrutural representativa, a crise do sistema representativo que é piramidal e permitiu que a gente tenha experimentado um espaço democrático, diferente.

**Participante:** Bolsonaro diz que vai governar para a maioria.

A maioria é a maior parte das pessoas, que é exatamente o contrário. Só a gente aqui para falar isso “que a democracia é um regime de opressão, se a gente tem a ideia do horizontalidade da diversidade. Tem gente como Deleuze e outros, como Judith Butler que fica tentando imaginar, o que seria o mundo de horizontalidade. É muito difícil pensar a coesão social disso.

**Participante:** mesmo nessa democracia da maioria, a presunção é de uma maioria contingente, podemos ter uma maioria num tema da Reforma da Previdência e num outro tema. Quando Bolsonaro falou que vai governar para a maioria ele está subtendendo uma homogeneidade nessa maioria. A democracia não é tão antidemocrática assim, se eu pensar na variação destas maiorias, a maioria é contingente.

**Participante:** esse resto aí, você estava falando de uma inclusão, alteração do cenário pelos excluídos, eu pensei em exemplos: o pobre no aeroporto, o aeroporto virando rodoviária, a reconfiguração também nos espaços universitários com muito pobre e preto. O projeto também é esvaziar a Universidade.

Talvez os espaços universitários seja porque mudou mesmo. A rodoviária que virou aeroporto. Mas nós vimos a Universidade se alterar, a minha irmã é professora da Rural e escreveu bonito, “pessoas desesperadas e o que acontece é que realmente elas acreditaram que puderam sair do balcão da farmácia, com bolsa disso e daquilo e que poderiam estudar. Estudando, poderia se sustentar e de repente acaba. Como fazer?

E também a ideia de opção sexual, está no mesmo registro, de repente tem que se esconder de novo? Sim, as universidades mudaram completamente, para o pior, para muitos, porque desmantelou, se desfez o sistema. O aeroporto está lá, o centro da cidade, maneiras de tentar fazer ficar bonito. Talvez isso que acontece numa análise é tão radical que talvez não aja possibilidade de paralelo social, é muita reconfiguração. Ou talvez não. Tem que pensar na experiência da análise de vocês, reconfigura muito, talvez não reconfigura tanto assim.

***Do que a psicanálise não pode abrir mão?***

Ela não pode abrir mão que haja um mínimo de princípio identitário na pessoa que vai vir, não acha? Essa parte é mais delicada, tem que mais ou menos acreditar que a pessoa que vem a semana próxima, ou dois dias depois é a mesma pessoa, de algum jeito é a mesma pessoa, se você achar que foi um agente infiltrado que é o sócio, isso é tão doido que ela muda de personalidade, tem um princípio de repetição que faz parte, mas aí, essa unidade do eu, esse princípio de ser idêntico a si mesmo mais ou menos no tempo que é necessário para uma análise, precisa ser garantido pelo Nome do pai?

Não, né! Mas a gente achava que sim, também, é um pouco assim: “meu jogo de identificações, de organização das fixações libidinais, dadas pelo Édipo, dada pelo Complexo de Castração, as proibições de definições e identificações de pai e mãe, dentro da família, isso tudo, fazia minha identidade, a análise precisava disso. Em última instância a análise precisava da família, do Édipo, para fazer um ser sexuado, não é assim?

Para definir em que ponto da polaridade masculina e feminina vai ter que passar pela castração, pela ideia de que tem uma fase fálica, um prazer qualquer no corpo, que a criança está ali na masturbação, vem o mundo e diz para ela “não, não é bem assim”, “você tem aí mesmo um negócio bom de fazer, mas agora não”, masculino. Não aí não tem nada, você está enganada, você tem que procurar quem tem”, feminino. Isso tudo era o que fazia o Édipo, dava unidade. A psicanálise precisa dessa unidade edípica? Podemos debater.

Poderíamos argumentar que não, precisa de unidade, diante da pluralidade, precisa de uma dialética, entre Um e múltiplo, para a gente viver, é o que eu acho, não dá para ser “metamorfose ambulante”.

Mas, esse Um precisa ser sustentado por aquela aprendizagem familiar que é o Édipo? Não, o psicótico monta o delírio dele, Schreber era a Mulher de Deus, precisou do Édipo para isso? Fazemos análise assim, apesar do grande contingente nosso ser sustentado edipicamente, sempre foi uma discussão que esse Um do eu, não precisa ser o Um paterno ou o Um da função fálica. O que vocês acham?

A psicanálise precisa do eu, se alguém chegar dizendo “eu sou um ser em metamorfose”, então não dá para ter psicanálise. Não sei como faço. Agora, esse eu, Um, não precisa ser o Um que diz “eu sou Um porque meu pai, me fez assim, fui criado assim. É estranho.

**Participante:** não precisa, porque trabalhamos com Saúde Mental, no Pinel.

É o mais simples isso, sempre trabalhamos com outras coisas, com o neurótico, neurótico não quer dizer uma doença, um tipo de população, quer dizer de se identificar, de se ver a si mesmo, permanecer num tempo igual a si mesmo, esse jeito é toda uma moldagem que Freud traduz,

constrói e Lacan logifica. “Para todo x, existe um x que está referido ao falo  $\Phi x$ ” para quem está familiarizado.

Se eu acredito fundamentalmente que tem alguém que sabe das coisas, então, sabe mesmo? Alguém que sabe gozar, saber e gozar, então é melhor que todo mundo renuncie, de saber tudo, senão, não vai dar certo. Se eu digo que “a minha liberdade termina, quando começa a do Outro”, falo isso porque sou legal? Não. Eu queria gozar muito, mas tenho medo que o Outro goze demais então é melhor parar por aqui. A ideia de que pode se gozar muito é que é o perigo, que regula a relação, isso é o neurótico. É da função fálica, ele acredita que tem em algum lugar um pai que tem o poder todo, como no *Totem e Tabu*. Se alguém pode gozar tudo e eu quero a minha vida aqui então, vamos controlar para que ninguém goze. Esse é o Édipo.

Uma análise pode começar pelo SsS: sujeito suposto saber, pela crença numa exceção, “creio que meu inconsciente sabe tudo sobre mim, creio que o analista pode resolver minha vida”, mas ela não anda e termina num plano, termina numa abertura ampla. Pode ser que seja necessário o Nome do pai, para começar uma análise. Mas se pode começar uma análise de outras formas, não começando por uma crise do Um, paterno.

Para que haja uma análise é preciso ter a unidade narcísica, essa unidade narcísica não precisa ser estabilizada pelo Nome do pai, pode ser estabilizada por outras formas.

**Participante:** vejo muitos jovens neuróticos que alienam o corpo, não separaram a cabeça e o corpo e não são psicóticos.

Não saberia discutir isso, mas poderia se perguntar: o que faz com que eles continuem sendo eles mesmos? Pode ser que o corpo não seja mais a sede do narcisismo. O corpo mexe, corta, faz. O corpo pode não ter mais o valor que tinha, o corpo é a nossa casa, nossa morada, não pode encostar. Até hoje tem isso. Pode ser que esse lugar do Um, mesmo ainda paterno, acreditando na exceção, pode ser por exemplo, outras coisas, teríamos que pensar. Por exemplo: todos lá em casa temos o mesmo vício. Pode ser que esse vício seja a marca da unidade, “eu sou aquele que é assim, assado”, não preciso tanto do corpo. Mas, continua valendo bastante.

**Participante:** aquela história das meninas que se cortam e fazem grupo.

É estranho, porque cada unidade, é a unidade de cada uma, mas sim, você faz parte de um grupo tem uma alteridade e que você não precise tanto da alteridade individual. Pode ser, é o traço de gozo que define o narcisismo, mas do que a forma corporal.

Podemos dizer assim: “a forma corporal, é muito mais instável hoje”, e o narcisismo, a unidade corporal, é as vezes definida por outras coisas, por exemplo, o mesmo comportamento é possível. “mulheres que amam demais”, que precisa é dessa experiência plural e da articulação do múltiplo em Um.

No final acabamos chegando no múltiplo e no Um e chegamos na psicose. Precisamos pensar a psicose, talvez um ponto que me faz pensar que está na hora de pensar a sociedade a partir da psicose. Já falamos disso, mas temos que pensar, porque parece que caímos cheio na psicose. A sensação de um impossível-dialético, impossível divisão do sujeito, pode ter alguém que a gente jura que não é psicótico, mas está numa ferocidade de psicótico como Lacan fala do Ludwig Joseph Johann Wittgenstein, tem uma coisa, uma convicção que não tem abalo. Como isso é possível? Um

mundo em massa. A gente sabe que tem muitas coisas aí, mas a psicose que vai nos ajudar a pensar como isso é possível.

Falar: você tem que entender que tem castração, que parece a falta-a-ser, toda essa ideia de falta, nessa hora não pega. A experiência que ouvi daqueles que chegavam com uma plaquinha que dizia – *“você está em dúvida, venha falar comigo”*, esse aí só com o baralho de virar voto que funcionava, é uma população muito restrita quando se pensa na massa, esse ponto é importante.

Como usar a psicose? Ai, podemos talvez trazer o tema da esquizofrenia junto com a paranoia, isso é importante, não é dizer que ficaram todos paranoicos, pelo menos parece paranoico no sentido de ter uma posição de um delírio compartilhado, em cima de uma certeza “O Lula é o Hitler”. Vocês têm que ler o Olavo de Carvalho, Flávio Gordon, é tudo paranoico, doido, mas que convence, raciocínio que convence, implacável, todos os detalhes, vai até o final. Quando ele vai falar dos extraterrestes as pessoas dizem: não, está bom aqui. De alguma maneira ele é estabilizado pelos seguidores e os seguidores se organizam nessa estabilização, o outro diz “estávamos exatamente na situação da República de Weimar”, e vem um idiota qualquer que coloca o Hitler como Lula e os dois conseguiram fazer o que fizeram, atrair as massas, Lula é o Hitler, lulopetismo.

A corrupção da inteligência, é para dizer que o problema do Brasil não é a corrupção, é que tomaram as nossas Escolas, tomaram nossas cabeças, tomaram o modo de pensar das nossas crianças, temos que fazer outro tipo de ensino, jogar fora a inteligência toda, que é toda lulopetista, Hitler. Mas é paranoico falando, bem falado, assustador.

**Participante:** o Olavo de Carvalho dizendo: não aceito Ministério da Educação, só aceito uma embaixada. Numa embaixada vou poder ser como Napoleão.

Esse livro que falei, o mentor do autor é Olavo de Carvalho.

Os neuróticos que seguem o Constantino, copia o mestre paranoico e fala uma porção de bobagens, mas não é ofensivo, nesse sentido, sozinho. Agora, se colocar os gerais todos copiando, aí fica difícil.

**Participante:** isso tudo faz o Reinaldo Azevedo o cara mais incrível do mundo.

A virulência dele não vai para o lado paranoico.

### ***Do que que o analista não pode abrir mão?***

Não pode abrir mão da esquizofrenia, talvez pudesse antes, talvez pudesse fingir que podia. Acho que é a M.H. Brousse que diz “não há analista, sem a experiência da psicose”. É forte, mas a experiência dessa multiplicidade meio louca, inconsistente, se alguma coisa do social que podemos dar nome para isso, é a esquizofrenia, acho que por isso que a Cristina estava pensando nisso. É a multiplicidade do inconsciente, e foi Deleuze que falou, temos que ser esquizofrênico no sentido da inconsistência da identidade, isso é insuportável. Não sei se dá para viver.

Estamos na ideia do Um e do múltiplo, mas a base do nosso laço ser a esquizofrenia, por isso a paranoia, é uma boa tese. Houve uma espécie de corrosão geral e enlouquecimento do laço no sentido da pluralidade, que vem uma reação paranoica desse nível, nesse sentido, precisamos dizer: “esse é o líder, esse é o homem, meu capitão”. E aí “você vai sem pensar”, direto.

Eu só quero dizer que tivemos a experiência fenomênica da paranoia ambiente, ela continua, mas

não podemos esquecer que tem um outro polo da psicose que é a esquizofrenia, e se há uma paranoia ambiente, do outro lado há uma esquizofrenia no sentido do plural.

Perturbado, que tem muita angustia não tem nada bom em si. Mas que é o outro lado. Isso também me tranquilizou “não vão acabar com o mundo plural”, isso são polos, “isso é uma dialética”.

Quando Clarice falou para os alunos dela, “segurem na dialética e vai”, do outro lado não é possível isso vai acabar, só se matarem todo mundo, acredita na dialética, tem alguma coisa que Marx tem razão, se agora estamos na paranoia daqui a pouco vem a esquizofrenia.

Não estou falando do múltiplo e do Um, trazendo a paranoia para a esquizofrenia, porque tem literatura para isso, clínica sobre isso, para podermos pensar como chave de leitura, é o que Walter Benjamin não pode fazer, nós podemos. Quando falamos de esquizofrenia, não no sentido de Deleuze, uma utopia esquizofrênica, mas no sentido de “como o esquizofrênico faz para ter o seu Um, que então seja pela paranoia, o nosso nome disso é psicose ordinária.

Psicose ordinária é você montar alguma coisa que te faz viver com uma certa coesão, sem precisar delirar, tem alguma coisa que a psicose ordinária ensina. O “Quando *“está amarrado” (ça tient)* – um texto meu apresentado na Plénaria “Interpretar a psicoses” no XI Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, Barcelona, em 3 de abril de 2018.

**Participante:** tem alguma diferença entre essa caracterização dessa sociedade como plural, livre, etc., e como esquizofrênica?

É um perigo, parece que você está xingando! Por isso que fiz referência a Deleuze que fez isso, de peito aberto, e pensando nisso para pensarmos na clínica e não para catalogar o mundo. Está preocupada em “para que chamar de esquizofrenia”.

**Participante:** chamar de um jeito ou de outro, me parece Um, não traria dialeticamente a multiplicidade e tal, ao processo dialeticamente, à paranoia.

Existem muitas maneiras, de fazer o Um que não pela paranoia, é por isso que eu trouxe a psicose ordinária, que é um mundo de estudos nossos há mais de dez anos sobre situações que a princípio não são do Nome do pai, a estabilidade neurótica, mas há estabilidade e nos perguntamos como ela se fez, ela não se faz pela crença na exceção. A crença na exceção é o que o neurótico faz, a decisão de que esta é a exceção, é o que faz o paranoico, “eu sou exceção – sou Jesus -, “ele é a exceção, meu capitão”. Não é a crença neurótica, a crença neurótica não, alguém em algum lugar, parece que é meu pai, ou o pai dele, o pai dele sabia das coisas, a tradição sabe das coisas, esse é o neurótico, a exceção no caso da psicose, não. Ela é imaginária, ela é “esse aqui é”, ai dá em todas as baixarias que a gente sabe.

Tem outra maneira de fazer a relação entre o Um e o múltiplo, mesmo na psicose que não é assim pela paranoia. Mas, a lembrar que tem um lado esquizofrênico o polo esquizofrênico da nossa teorização que acho que ajuda.

Tem um parênteses que é as redes. Sabemos que para essa paranoicização social, as redes contribuem.

**Participante:** a fragmentação na neurose e a fragmentação na psicose, será que há a possibilidade do objeto na esquizofrenia, talvez não teria tanta distância desse objeto, estaria do lado.

A questão toda é o que separa, em cada caso. Se você disser que “um não tem separação e o outro tem, não dá”, é déficit, na mesma linha, você vai dizer “ele não tem o eu bem formado”, tem que dizer o que separa para ele. Porque a dificuldade é maior? Esse aqui tem um pai fazendo a separação, “acredito que entre mim e você, tem uma diferença, porque me disseram que tem”, tem uma distância porque me disseram que tem. acreditei, tem. Agora se não acreditei, não sei bem a diferença entre você e mim. Como faço a diferença.

A psicose faz essa diferença da maneira dela, o neurótico faz da maneira dele, você pode dizer que o psicótico é menos bem sucedido, mas de que ponto de vista. Não dá para generalizar “ele não consegue fazer e o outro consegue menos”, menos e mais não vai funcionar.

Qual é a qualidade da diferença, esse é um jeito de falar. Outra coisa é dizer: “o laço social está mais psicótico, então todos os neuróticos estão mais psicóticos”, não é querer pegar a clínica um-por-um. As coisas são mais fragmentadas de uma tal maneira que mesmo aquele que segue o pai, nesse sentido, ele se vê fragmentado mais do que em outros tempos se veria. Isso é da clínica de todos os dias, angústia, despersonalização, pouca interpretação, pouca aposta no sentido de uma verdade, o que não quer dizer que uma pessoa deixe de ser neurótica. Acontece o inverso também, tem psicóticos que são muito mais normais, se alguém diz “o cavalo está aí”, não, ele sempre teve. Se disser que conversa com marcianos, tudo bem, se está funcionando, está tudo bem. Se saísse do padrão de um discurso mesmo, de outros tempos, você era o doido.

**Participante:** um esquizofrênico (inaudível).

Sem fazer separação é muito forte. Está na perna dele, não está dentro do coração. É o Bin Laden, tem a regra dele, não está boa essa separação. Se você compara com outra separação e diz que essa é a pior, tem que tomar cuidado com as separações. Posso pegar a experiência de um neurótico e a separação está péssima.

As meninas estão se cortando cadê a separação? Para se separar do mundo tem que se cortar. Às vezes é melhor Bin Laden na perna. Não é tão garantido.

### **As Redes**

Só quero lembrar o que o Rodrigo falou num outro dia, depois ele me passou as referências, realmente, na Índia é toda uma polêmica, 200 milhões de usuários do WhatsApp, a maior rede de WhatsApp do mundo, epidemia de linchamento era a base de boatos de WhatsApp, imaginou-se que fosse porque era assim, “tem uma moça chegando aqui com uma criança no colo, ela vai matar a criança”, vai todo mundo lá tirar a criança da mãe, “esses aqui são ciganos que vão roubar nossos filhos”, vão lá e lincham, a ponto do WhatsApp fazer alguma coisa. Já fez em outros lugares, mas ali, passaram os encaminhamentos apenas os linchamentos caíram. No Brasil são vinte por vez, na Índia passaram para cinco e os linchamentos caíram. Foi o WhatsApp ou não foi? Isso ainda está em aberto. É assustador pensar que pode ser. E parece. Uma coisa é ter muitos linchamentos e quando se coloca essas regras, eles caem.

**Participante:** mas isso não é uma maneira de fazer uma pausa, qualquer coisa que interrompa?

O contrário deveria ser verdade: para que você possa fazer parte dessa crença inabalável, você tem que não respirar, repetir, repetir, repetir. E ser repetido, repetido, repetido. As redes favorecem isso. Eu não sei se na experiência da paranoia a gente entra com isso. Alguém para ter uma crença

delirante, tem que estar o tempo todo atualizando? Geralmente a paranoia é melhor, ela faz o postulado dela, e não precisa mais ficar atualizando. Schreber por exemplo, escreveu o livro dele e foi. Durou um tempo.

**Participante:** tem um ponto de parada.

Estamos falando de uma repetição, reprodução necessária, ritualização que é necessária, e nesses casos que temos vistos das redes que favorecem essa reprodução que é quase instantânea. Não precisa ir a Igreja toda semana, para repetir a fé, não precisa ir ao AAA toda hora para se enunciar alcoólico, pode falar sem parar ao mesmo tempo, isso dá uma efeito de sustentação, uma crença sem precisar de dialética, ela é reforçada, não é reflexionada, o neurótico vai na reflexão. Reflexão é: vai para o outro e volta. Reflexão é o espelho do pai, vai, vai, vai no caminho rodou, rodou, rodou, sai com uma espécie de certeza, essa outra certeza não, é só repetir. É diferente! São regimes de certeza na neurose e na psicose.

### ***Não há psicanálise sem história***

Não há história do PT, do PT destruindo o país, que fizeram que as pessoas repetissem sem parar para votar no outro, para se comportar no bem bom, fingindo que está tudo bem. É a história que diz que a tortura no país foi negada, não foi julgada, a história que diz que o fascismo começa desse jeito. Muita coisa na história que faz a gente pensar.

**Participante:** ausência de memória.

O que eu quero dizer com a psicanálise? A psicanálise não vive sem história, ela não vive sem memória, porque se fazemos da história uma ideia linear, aconteceu, a psicanálise destrói a história, quase. Se tem a história linear, vai chover lembranças, vai remontar, vai reconfigurar, agora isso tudo é memória.

**Participante:** na Argentina tem todo um trabalho de memória. Instituições que guardam memória.

No Chile temos outra ditadura. É uma loucura. Agora o PT tem que fazer uma comissão de verdade, Brasil não fez, ninguém fez, mas o PT tem que fazer. Deveria até fazer, já que ninguém fez a gente faz. Que é absurdo é, pensar que um partido tem que fazer a comissão da verdade pela sua corrupção e os militares não tem que fazer, ou não tem que aceitar uma comissão da verdade, pela tortura que fizeram.

### ***Não há psicanálise sem memória.***

Queria marcar esse ponto: não há psicanálise sem memória, isso vale para a psicose, neurose, a memória não é o espírito de outro planeta que estamos falando, se for só o espírito de outro planeta, não funciona. Pode até ser, o espírito de outro planeta, mas mexendo com a memória.

**Participante:** na USP rolou uma fala da escritora Marilena Chauí, nossa gramática foi capturada e está sendo usada por humanoide. Isso dentro da ideia da comissão verdade/gramática.

Alguém falou isso, os vídeos eram os mesmos vídeos era só inverter, um detalhe e passa a ser usado como peça a favor.

O mecanismo da paranoia, da inversão no espelho, é só fazer e repetir, é rápido, inverte e repete, quando se quer fazer outro tipo de coisa, pensar na verdade, aí vem meu último ponto.

***A psicanálise não é sem a arte.***

Desde sempre Freud e Lacan sempre mexeram com a arte, para usar, temos a frase famosa “**o artista precede o analista**”, tem alguma coisa que faz um no campo da fragmentação, no esquizofrênico e que chamamos de bricolagem. Tem toda uma literatura sobre a bricolagem. Analise é uma bricolagem, o analista é um *bricoleur*, o eu, em análise monta coisas com essa diversidade, um artesão num certo sentido, e a arte – não toda – mas pelo menos coletiva as que produzem uma arte coletiva, de instalação, de intervenção, é bricolagem, monta alguma coisa, não é um objeto que corta, é construção do objeto.

Eventualmente uma bricolagem você olha para ela, e fala é isso, mas é uma *semblage* que vale, o ato, agora chegamos no nosso seminário, “é a arte, ativista”, arte, digamos contemporânea, que permite fazer alguma coisa com essa fragmentação, se a fragmentação é grande você não tem um objeto, você tem objetos que não acabam mais, que é o que a Cristina estava lembrando. Não tem o objeto de preferência seu, da sua história, tem tantos objetos, como é que faz para dar um ponto de parada? Junta isso, como fez o Bispo, pega as havaianas e dá uma arrumada, alguma coisa no mundo está ordenado. Esse tipo de ação, é muito característico da arte contemporânea.

Na nossa clínica hoje, mexendo com o polo esquizofrênico, para fugir do paranoico, fazer a *semblage*, fazer montagens, tem toda uma literatura no campo freudiano sobre isso. A psicose como espaço de *construção*. É mais um uso de seu gozo para construir coisas numa espécie de processos que talvez não acabe. É o Joyce escrevendo.

**Participante:** quando você estava citando a dialética, assisti um evento, um americano falando sobre o Islam, exatamente falando de memória, a relação que se faz se atualiza nessa prática, poesia falada, uma certa poesia musical que tem uma certa tradição Africana, que tem a ver com uma outra forma de transmitir a história que não é pela escrita, é o corpo como escrita e alguém falou que o Hegel dizia que a África é um lugar que não tem história porque eles estão muito fora da dialética. A referência não é da história.

Não precisa da história, precisa da memória. Temos que definir memória, você tem razão, no mínimo o mais grosseiro é “memória é alguma coisa que se refere a você”, mesmo que tenham te contado, passa pelo que cabe na sua vida, que cabe no seu ser, isso já dá uma certa unidade. Mas podemos também definir memória como conexão.

Na comissão da verdade, cada um vinha e falava, não tinha que fazer história, era só coleção, era mais coleção de memória do que “vamos definir o que aconteceu”. História no sentido antigo, não é.

A arte no sentido da arte bricolagem, da arte processo, é não produto, a *semblage*, bricolagem de objetos como produção do objeto de arte, e todo mundo por aí acha que é um trabalho a fim e não é à toa que aí está uma resistência maior. Vemos o que resiste ao mercado. O que resiste talvez a violência são coletivos.

Parece que haveria um problema com a psicanálise, a psicanálise seria o um-por-um. A psicanálise é um-por-um, mas nesse aí está cheio de múltiplos. Então é meio coletivo, é um laboratório de coletivos. É laboratório de coletivização, ou de articulação coletiva, num nível individual.



**Participante:** e a escola

A Escola é um modelo institucional, tentando ser afeita ao que é a lógica de uma análise, ela aceita que seja uma multiplicidade instável, isso seria a Escola. Está na hora de repensarmos a estrutura da Escola, como temos que pensar a estrutura do coletivo também. Coletivo que não tem voto, por exemplo, coletivos que vão no consenso, como se ela é um coletivo do tipo analítico. Isso tudo está por fazer ainda. A Escola talvez não funcione mais como ela funciona hoje. Pode ser que ela siga melhor com outra alteração.

Quero marcar que não há incompatibilidade entre a análise e a vida num coletivo. Porque pensamos, se faço parte de um coletivo, não tem nada de individual, não tem nada mental, não tem nada fechado, mas “você na análise vai encontrar coisas que vão coletivizar vão ser coletivizáveis, tem alguma coisa de articulável entre os coletivos de ação de arte e a maneira como o coletivo de fixações se articulam numa análise. Tem uma coisa e um paralelo possível.

***A análise não é liberal.***

Para terminar, então, a análise, não é liberal, se tudo o que falei é verdade, liberal é aquele que primeiro o eu e depois minha família, depois o bairro, depois o mundo, a psicanálise não é, desde o começo. Primeiro o Outro, depois eu, primeiro o social e depois eu, primeiro a estrutura e depois o sujeito, a psicanálise é de esquerda também, naturalmente de esquerda, *trans*, múltipla. Somos eventualmente profissionais liberais, trabalhamos com pessoas, sou uma pessoa e ganho para isso no meu consultório, mais o que está acontecendo ali não é um eu falando com outro eu.

**Participante:** “nós, não é liberal” se opõe ao burocrata. A oposição do liberal é funcionário público.

Quando somos profissionais liberais, não necessariamente somos liberais, inclusive podemos ser funcionário e ser psicanalista, está cheio de exemplos por ai, não precisa ser liberal para ser psicanalista, é o contrário. Na definição de Deleuze qual a diferença entre sobre esquerda e direita, a esquerda parte de si para ir para o mundo, a esquerda parte do coletivo para pensar a si mesma. Seria mais a gente.

Os coletivos temos que pensar, que coletivo é esse que a gente parte. Temos que pensar que não é mais paterno, é mais esquizofrênico, mesmo que tenhamos uma violenta restauração do paterno, do falocentrico, já é uma restauração – vou falar um absurdo – no plano da psicose, não da neurose. Não é como antigamente, esse pai não tem nada a ver com esse pai de antigamente, não é porque hoje é tudo mais louco, é que o pai não podia gozar, pai não goza, senão não é pai. O texto de Romildo é muito bom para isso. Se eu quiser agarrar minha filha e ter um caso com ela eu não sou pai. O lugar do pai é o lugar daquele que cumpre a lei, e não o lugar que sacaneia a lei, agora temos alguém que está no lugar do pai, e sacaneia a lei, será que ele vai cumprir? Ele diz que vai cumprir, se cumprir, pronto, ainda tem esse paterno lá, é uma restauração do poder paterno de um jeito que parece quase uma farsa.

Tem mais cara de psicose do que de neurose, na neurose todo mundo acredita que ele é o pai, tem a sabedoria já passou por ali.

[O paradoxo do analista-cidadão](#)

O que que o analista tem que não pode abrir mão?

- A democracia facilita, mas não precisa ter democracia. A psicanálise é uma atividade que é a fim da democracia porque fala aberta
- Tem que ter diversidade. Não obrigatória, mas facilita, porque a psicanálise é uma prática do diverso, não da diferença, da diferença absoluta
- Precisa ter resto na sociedade? Precisa, porque a psicanálise trabalha com a reintrodução do resto. A nossa sociedade não tem mais resto. Ou é gente ou é matável, ai é fora do mundo, é difícil. Uma sociedade com restos, com lixo, é mais fácil para a psicanálise.
- .A psicanálise precisa do Um e do múltiplo. Ela funciona numa dialética entre o Um e o múltiplo. Só que o Um não precisa ser o eu, do Édipo. Tem muitas maneiras de fazer a estabilidade do Um, das suas múltiplas fixações. A estabilidade não precisa ser edípica.
- A psicanálise trabalha numa multiplicidade que só a experiência da psicose nos permite perceber, fora de uma análise. É difícil perceber essa multiplicidade, esse esvaziamento dentro dos valores, da hierarquia, das suas memórias, o que acontece numa experiência analítica. Onde se vê isso na vida? Em poucos lugares e a experiência do que M.H. Brousse chama de psicótica, ajuda.
- É preciso abordar nossos tempos pelo paralelo, pela tensão, entre esquizofrenia e paranoia, não só paranoia.
- As redes. Não dá para pensar, viver a psicanálise sem a arte. Nos nossos tempos é preciso se interessar pela arte coletiva ou pelo menos a contemporânea no sentido do processo mais do que o produto.
- É preciso história, é preciso memória, senão não tem psicanálise. Senão é coisa do outro mundo.

O que falei na UERJ sobre essa coisa dos alunos “segura na mão da dialética e vai”, é porque enquanto essa minha irmã, enquanto ela está lá dizendo, não desiste, segura na mão da dialética e vai, no caso da PUC preciso fazer as pessoas saberem que existe alguma coisa que é pública, ninguém mais sabe o que é isso. A ideia de um espaço público. O espaço que a gente chamava de publico é um espaço de individualidade, que circula e que se organiza pelo algoritmo por exemplo. Ou pelos seus desejos pessoais, consensos e contratos, cada vez mais na PUC tenho que lembrar para as pessoas - muitos não pensam assim – é o lugar onde o sentido de público não é tão claro, preciso lembrar que tem uma coisa que é coletiva, que todos escolheram, e não porque é vantajoso para todos. Lá é preciso lembrar, tem muitos cotistas que de certa maneira, parece lá, mais do que na UFRJ, porque é concentrado, tem também uma população que vem por outro caminho, vem de um jeito diferente, então, tem isso tudo lá, mas tem uma maioria que perdeu o sentido do público, é preciso lembrar que existe isso, e que pode continuar existindo. E que a cidade não é uma soma de individualidades, a cidade é uma espécie de desaparecimentos de individualidades no plural, isso temos que lembrar.

**Participante:** inaudível

No Brasil temos as duas coisas, transformar tudo em mercado e deixar o mercado reger. No Brasil temos uma vantagem ou desvantagem que o laço social fica compensado pela religião, o mercado

destrói tudo, mas a religião, se vai ao culto e tem uma pregação de como tem que ser. Mistura o sentido religioso com a corrosão do sentido de mercado.

O texto da Maíra, vale a pena ela diz “esse não é meu Cristo, meu Cristo”. Seu Cristo é aquele do objeto *a*, por isso que Lacan dizia que a religião católica-cristã era a única verdadeira, porque tem alguma coisa desse resto que é reincorporado, e a principio você fica diferente. Tem um pouco disso, mas a análise é de um outro jeito, mas envolve a coisa da volta do resto. Esse Cristo que está acima de todos não é esse.

**Participante:** inaudível.

*O vitorioso não é cristão!* Por quê? Porque Cristo não pode vencer?

Participante: fazer o reino do céu aqui na terra.

Essa seria por exemplo, a teologia da prosperidade. Você precisa esperar por outra vida. É uma grande diferença, não acho que isso seja o que estamos falando, está muito longe, a ideia de que “com Deus eu venço”, vai contra a ideia de que Deus é um resto. Acho que é isso que está no texto da Maíra. Deus está lá, não pode fazer nada, só pode mandar o filho e o filho, é destruído, e quando ele é destruído é aí que a gente percebe Deus. Essa é a ideia cristã. O Cristo sendo destruído, aí sim, você tem a experiência de Deus. Deus não é o poderoso que faz e acontece, ele manda o filho para sentir a divindade dele.

**Participante:** Freud compara o judaísmo com o cristianismo, só a religião cristã apazigua o supereu. A religião cristã seria uma vantagem porque há o apaziguamento.

No nosso sentido é, o perigo de uma religião que não passa por aí, e que diz, por exemplo, “há um enlouquecimento”, por exemplo, está tudo na Torá, você vai ler, só que para ler é tão difícil, vai precisar de um rabino para ler. Não tem essa substanciação do resto, do Cristo, ali só vai precisar de uma comunidade de saber.

**Participante:** sem contar que vai voltar. No judaísmo tem uma janela do tempo.

O protestante com o mercado, aí, é outra história. Não tem a janela do tempo e como Clarice lembrou, o céu está aqui, não vai para outro lugar, nem no futuro, é aqui mesmo que pode fazer, Deus é que dá a vitória, isso tem uma simplificação, tem um trabalho com o protestantismo que precisa ser feito, o protestantismo não é essa bobagem, “Deus acima de todos”.

Para ser analista, preciso estar um pouco nesses lados, posso esconder isso tudo, porque não dá para mostrar, mas eu sei que tem a ver. Eu estava dando aula e a amiga da minha filha disse “eu vi as fórmulas da sexuação”, alguém publicou no Instagram, tem que dar aula assim, fórmulas da sexuação, matemas. O que quero dizer é que do lado do bem também está tudo publicado, o tempo todo, tem foto em lugar, não tem como se esconder. Serviu para mim no sentido do que “não posso abrir mão”, não posso abrir mão de algumas coisas. Não posso abrir mão de uma certa relação com a arte, não que eu precise estar bebendo na arte, mas se a arte for erradicada do país, só tiver a arte do partido, aí vou ter que procurar artistas num lugar escondido. Eu vou precisar dessa frequência, não porque eles são legais, é porque eles estão fazendo parecido com o analista.

## ANEXOS

### O ANALISTA CIDADÃO <sup>1</sup>

Éric Laurent

Houve um fato que contaminou as formas próprias da cultura europeia: o descobrimento da Europa pelos militares norte-americanos. Representou uma mudança de estilo de vida e também o reconhecimento de novas formas de relacionamento entre os sexos, desde os filmes de Humphrey Bogart e Lauren Bacall. Tudo isso mudou profundamente a relação com os ideais em referência a situação anterior na Europa. Nesse sentido, convém ler um filósofo norte-americano, Stanley Cavell, que fala da importância dos filmes hollywoodianos, da mudança das identificações sexuais e da nova felicidade. Os analistas se encontraram em um mundo que se tornou muito permissivo. Sua denúncia, então, de que havia alguma forma de gozo escondida detrás dos ideais, ficou um pouco fora de moda, porque havia outros que o diziam de maneira mais precisa e mais decidida.

Agora temos, por exemplo, a Conferência de Pequim sobre as mulheres, sobre o lugar e a condição das mulheres. O grupo das lésbicas não necessita dos analistas para que as represente; elas mesmas reclamam o reconhecimento de uma série de direitos e gritam mais do que qualquer um possa fazer por elas.

Não necessitam de advogados, são pessoas maiores que lutam pelo reconhecimento de seus direitos. E, se se faz uma Conferência sobre os homens, os homossexuais reclamarão seus direitos da mesma maneira: subvenção do Estado, acesso a pisos subvencionados como os outros casais, etc. Com tudo isso os analistas ficam um pouco perdidos, não sabem exatamente se têm que gritar mais para se fazerem escutar ou se devem serenar os ânimos.

A tentação que surgiu então, tentação que se manifesta agora nos anos noventa, mas que já estava presente desde o final dos anos sessenta, foi a de modernizar em moldes americanos, o modo de vida europeu. Quanto ao analista, pensava em se manter exclusivamente em sua função, sem fazer propostas, porque já havia uma luta que se queria fazer ouvir pela opinião pública, tanto no referente às formas de vida por parte das lésbicas e dos homossexuais, como com respeito aos psicóticos, os normais, etc...

À primeira vista, os analistas não tinham ideias realmente interessantes sobre esses temas. Os outros já pediam, sabiam que era preciso pedir e reclamar. Foi assim que os analistas se mantiveram, digamos, na posição do intelectual crítico.

Em uma etapa determinada dos movimentos que se consideravam de esquerda, existia uma posição conhecida como a de intelectual crítico. O que se esperava era que o intelectual se mantivesse em seu lugar, tranquilo, e que se dedicasse somente a criar, a produzir o vazio. O intelectual criticava algumas orientações decididas pelos outros e se mantinha nessa posição. O analista crítico é o analista que não tem nenhum ideal, que chega a se apagar, que é tão só um vazio ambulante, que não crê em nada. Está já mais além de toda crença, por suposição! Como já não crê em Papai-Noel, como já não crê, livra-se do peso que seus irmãos carregam sobre os ombros.

Esse posicionamento chegou a adquirir certo peso intelectual. Por exemplo, Serge Leclair, meu

professor de Psicanálise, tinha uma ideia muito interessante, que consistia em promover uma concepção da psicanálise como prática de desidentificação. Considerava que o “*non plus ultra*” era manter uma concepção extra pura da análise, entendida como um processo sem fim para se desidentificar até o infinito. No social, o analista especialista da desidentificação levava a desidentificação a todas as partes; ao contrário da esperança *tosquellana*, era um analista que pedia a todos seus documentos de identidade para depois dizer-lhes: “Por favor, passem pela máquina de desidentificação!” Semelhante máquina antipositiva, diga-se de passagem, estimulou certo ideal de marginalização social da análise, um ideal do analista concebido como marginal, o inútil, o que não serve para nada, salvo para essa posição de denúncia de todos os que servem para algo.

Digamos claramente que temos que destruir essa posição: *delenta est!* Ela não pode prosseguir e, se os analistas creem que podem ficar aí... seu papel histórico terminou. A função dos analistas não é essa, daí o interesse que há em inseri-los no dispositivo da saúde mental.

Os analistas têm que passar da posição de analista como especialista da desidentificação à de analista cidadão. Um analista cidadão no sentido que tem esse termo na teoria moderna da democracia. Os analistas precisam entender que há uma comunidade de interesses entre o discurso analítico e a democracia, mas entendê-lo de verdade! Há que se passar do analista fechado em sua reserva, crítico, a um analista que participa; um analista sensível às formas de segregação; um analista capaz de entender qual foi sua função e qual lhe corresponde agora.

O analista apagado de meu professor Leclair, o analista vazio, tem uma face que deve ser criticada, mas tem também outra face a ser resgatada, por- que foi mal interpretada: não que tenha de manter-se nessa posição crítica, mas que possa intervir com seu dizer silencioso. O analista vazio, o que se chamou também em algumas teorias “o analista furado”, numa instituição, em qualquer discurso institucional, não tem que ser, de maneira alguma, um analista apagado. É o que sabe participar com seu dizer silencioso, dizer silencioso distinto do silêncio. O dizer silencioso implica em tomadas de partido ativas, silenciar a dinâmica de grupo que rodeia qualquer organização social. Como se diz, em certo discurso distinto do nosso, “quando três se juntam, o espírito está com eles!” Do ponto de vista analítico, quando se juntam três, a dinâmica de grupo está em marcha, quer dizer, desencadeiam-se determinadas paixões imaginárias. Sem dúvida, o analista há de saber, pela sua própria prática, que qualquer identificação permite o desencadeamento dessas paixões narcísicas e deve ser capaz de silenciá-las. Mas isso é só a primeira parte de seu trabalho; a segunda é remeter o grupo social em questão às suas verdadeiras tarefas, como Bion, que durante a guerra, soube organizar, em pequenos grupos os enfermos do ideal.

Digo os enfermos do ideal, porque Bion se encarregava de organizar aqueles que não queriam ir para o exército. Era uma guerra muito difícil: tratava-se de lutar contra o nazismo, e alguns não podiam fazê-lo. Era preciso avaliar porque não podiam, e Bion não se conformou em criticar o exército, em dizer que o exército era muito mau. Semelhante discurso teria sido desconsiderado naquele momento, quando a juventude inglesa, composta precisamente por indivíduos solidários, demonstrava com seus pilotos da *Royal Air Force*, que se podia lutar contra um exército ordenado de forma antidemocrática, demonstrava que esses jovens, produto de uma democracia supostamente decadente, eram capazes de lutar e vencer o que foi a Batalha da Inglaterra.

O que fez Bion foi avaliar, nesses grupos, o que era da ordem da patologia, ou seja, o que se podia curar e o que não se podia curar nesses indivíduos expulsos do ideal. Pela mediação de pequenos grupos,

desses mini-ideais de grupos, com uma tarefa precisa, com um objeto preciso, suprimindo sua paixão narcísica de serem rejeitados do ideal, era possível reinseri-los e dar-lhes um destino humano. Podiam escolher, de maneira mais ética, o que tinham de fazer na vida.

Nesse sentido, o analista, mais que um lugar vazio, é o que ajuda a civilização a respeitar a articulação entre normas e particularidades individuais. O analista, mais além das paixões narcísicas das diferenças, tem que ajudar, mas com os outros, sem pensar que é o único que está nessa posição. Assim, com os outros, há de ajudar a impedir que, em nome da universalidade ou de qualquer universal, seja humanista ou anti-humanista, esqueça-se a particularidade de cada um. Esta particularidade é esquecida no Exército, no Partido, na Igreja, na Sociedade analítica, na saúde mental, em todas as partes. É preciso recordar que não há que se tirar de alguém sua particularidade para misturá-lo com todos no universal, por algum humanitarismo ou por qualquer outro motivo.

Certo psiquiatra – comentou-o Josep Monseny em Barcelona – reconhecia que os analistas são agora, no nosso mundo, dos poucos que escutam, que seguem escutando os loucos, quando se torna muito mais rápido preencher as fichas convencionais do serviço psiquiátrico onde se encontra o paciente. Mas os analistas não devem se limitar a escutar, também precisam transmitir a particularidade que está em jogo e, às vezes, devem tomar o exemplo de outros. Por exemplo, o neurologista marginal, Oliver Sachs, soube construir uma narração sobre os efeitos da L-Dopa em certos transtornos, por meio de uma narrativa que apaixonou o público em geral e que foi levada ao cinema num filme protagonizado por Robert de Niro. Era uma maneira de tornar apaixonante uma façanha no campo da neurologia, uma forma de transmitir, num certo tipo de narração capaz de produzir efeitos de identificação, algo mais além da patologia neurológica em si mesma, com toda uma carga de humanidade. Da mesma maneira, os analistas não só devem escutar, mas também precisam saber transmitir o que tem de humanidade, o interesse que tem para todos a particularidade de cada um. Não se trata de se limitar a cultivar, a recordar a particularidade, mas sim de transformá-la em algo útil, em um instrumento para todos. Não há que retroceder diante da palavra útil; útil para os demais, quando se reconhece uma forma de humanidade em sua peculiaridade.

Por exemplo, respeitar os loucos. É verdade: os analistas têm que incidir sobre as formas de desrespeito ou da falta de respeito. Na França, há alguns anos, um sujeito psicótico cometeu um atentado em uma escola sob a alcunha *The Human Bomb, H.B.*! Mas os policiais, antes de começarem a operação final para libertar as crianças que haviam sido tomadas como reféns, consultaram um psiquiatra, um psiquiatra comum. Era o psiquiatra de plantão no setor, o mais parecido com um serviço de urgências. Depois o entrevistaram na rádio, e chamava atenção a capacidade desse psiquiatra em dizer que o sujeito em questão era claramente um paranoico, e podia se referir à passagem ao ato desse sujeito que tinha já certos antecedentes, tudo isso com um respeito à patologia e ao sujeito que não era só uma fachada. Foi capaz de ajudar os policiais a não provocarem uma catástrofe e, ao mesmo tempo, respeitar os direitos humanos daquele sujeito. Ainda que no final não pudesse impedir que os policiais aplicassem a pena de morte, porque o problema é que se pode suprimir a pena de morte do código penal, mas mesmo assim ela segue sendo aplicada pela polícia na vida real.

A posição tão delicada daquele psiquiatra francês, por exemplo, contrasta com a dos americanos que produziram uma catástrofe quando, na mesma época, enfrentavam-se com o problema de Waco, com outro paranoico que havia tomado 80 pessoas de sua seita como reféns. Podia-se observar uma

completa falta de respeito por parte dos psiquiatras. Deve-se ler as declarações dos psiquiatras, por exemplo, no *The Times Magazine*: são declarações completamente desrespeitosas, todas elas manipulações cheias de considerações sobre os sectários, sem que ninguém levasse em conta exatamente do que se tratava, o que estava em jogo.

Portanto, sem dúvida, temos que incidir sobre esse tipo de coisa. E necessitamos de psiquiatras como aquele psiquiatra anônimo – não recorde seu nome – que não vai dando rapidamente declarações à televisão.

Assim, os analistas não hão de se manter como analistas críticos. Haverão de pedir, de pedir algo à saúde mental. Pedimos uma rede de assistência em saúde mental que seja democrática e, como acontece efetivamente na fórmula que se tem utilizado, seja capaz de respeitar os direitos de cidadania dos sujeitos que estão nesse campo e nesse marco concreto da saúde mental. Nesse sentido, os analistas, junto com outros, devem incidir nessas questões, tomar partido e, por meio de publicações, por meio de intervenções, manifestar que querem um tipo determinado de saúde mental. Não uma instituição utópica ou um lugar utópico, mas precisamente formas compatíveis com o fato de que, se já não há ideais, só resta o debate democrático. Isso não é o silêncio. O dizer silencioso do analista consiste em contribuir para que, cada vez que se intente erigir um ideal, possa-se denunciar que a promoção de novos ideais não é a única alternativa. Tão pouco se trata de retornar aos valores da família e aos velhos tempos, quando se cria no pai. Ah, que tempos aqueles! Acabaram-se! O único que existe é o tempo do debate democrático, aberto, crítico e sem dinâmica de grupos. E nele os analistas têm que incidir muito ativamente e se não o fazem, ninguém o fará por eles. Precisam ser inventivos e incidir de formas distintas. O analista útil, cidadão, é a favor da existência de um *lobby* que intervenha no debate democrático. Deve transformar-se em um *lobby* e isso não é uma desgraça. Antes se pensava que somente havia que incidir no campo da cultura. Os analistas têm que se despertar um pouco! O campo da cultura tem mudado por completo. O que se chamava o campo da cultura tem desaparecido com os novos meios de informação, tem se transformado. Já não se pode recordar com nostalgia: ah, o tempo de Sartre, o tempo de Lacan! Não há dúvida; o tempo de Sartre, o tempo de Lacan já não são o nosso tempo. Agora um intelectual, um professor pode dizer qualquer coisa e ... entra no sistema do *mass media* com uma opinião e sai convertido em lixo! Os meios de publicação têm aumentado espontaneamente e não se pode deixar cair numa nostalgia do tempo em que existia o *Seminário* do Dr. Lacan ou quando a opinião de Sartre, difundida em um artigo de *Les Temps Modernes*, transformava todo um setor de opinião. Os analistas devem opinar sobre coisas precisas, começando pelo campo das psicoterapias, a partir de onde se incide, de certo modo, na saúde mental e sem esquecer essas novas formas de consideração ou de transformação científica dos ideais, do pai como ideal. O problema é incidir sobre a opinião; dizer se se deve saber ou não o nome de quem cede seus espermatozoides num sistema de procriação assistida. É assim que se transformam as técnicas. Enquanto que, se um se mantém na mídia dando suas opiniões em termos gerais, não se tem nenhuma incidência no campo da saúde mental e nem se tem nenhuma incidência na forma de civilização que nos corresponde. Somente opinando sobre as coisas, sobre determinada transformação técnico-científica dos ideais e o novo aparato social que se produz, só assim chegaremos a ter influência, e não só os comitês de ética para qualquer, prática científica, especialmente na Medicina. Esses comitês agrupam distintos setores, cujos ideais se veem afetados pela ciência. Estabelece-se um comitê desse tipo para acalmar as coisas, para assegurar-se

de que a Religião ou o pensamento em geral vão aceitar a modificação técnica do ideal que se coloca. Quanto aos analistas, há alguma razão para que não participem dos comitês de ética? Há que animá-los a fazê-lo. Por exemplo, animo meus colegas a participarem dos comitês dos hospitais onde estão. Atualmente solicita-se essa participação do psicólogo, no modelo multiprofissional próprio das novas formas de assistência, para constituir o comitê de ética dos hospitais. De um lado, deve-se participar disso e, de outro lado, é preciso influir na opinião para incidir nas questões práticas, cada vez que o ideal seja modificado pela Ciência.

Nesse sentido, o analista útil, cidadão, é alguém que avalia as práticas e também aceita ser avaliado, mas ser avaliado sem temor, sem um respeito temeroso, cauteloso diante dos pré-julgamentos da Ciência. Quando se vem dizer-lhes, com arrogância, que a prática analítica não é útil ou não é eficaz, porque tal tipo de terapia cognitiva é supostamente mais útil, os analistas têm que demonstrar o contrário com sua experiência, e isso não é muito difícil. Não se deve pensar que são coisas extravagantes e do outro mundo. Cada vez que há ataques desse tipo contra a Psicanálise, é perfeitamente possível mostrar uma experiência que demonstra o contrário. Por exemplo, o Dr. Zarifian é um psiquiatra francês que, durante dez anos, se dedicou a publicar artigos sobre os psicofármacos e agora é um dos melhores advogados de uma prática múltipla e da consideração da modernidade como limite da revolução terapêutica. Em um artigo recente, dizia que a prescrição de fármacos tem limites claros, e que isso não mudou nos últimos vinte anos, de modo que há uma profunda crise. Zarifian concluía que os médicos precisam despertar e se dar conta de que são prisioneiros da ideologia das multinacionais farmacêuticas, uma indústria que luta com milhões de dólares a seu favor para convencer os sistemas de saúde mental, por exemplo, de que o Prozac é ideal. Aceitando isso, os médicos se convertem em simples servos dessas multinacionais. Como disse em tom divertido Zarifian, faz-se crer que muitos psicofármacos têm um efeito superior ao placebo, mas muitas vezes isso é só uma suposição não verificada. E propõe que, diante de uma depressão ligeira ou um transtorno ansioso, considere-se que uma psicoterapia tem os mesmos efeitos que o fármaco, então o fármaco tem uma eficácia compatível com o efeito placebo. E ainda disse mais: a psicoterapia, seu efeito terapêutico, sem entrar em outras discussões teóricas, pode formular-se como a medida do efeito placebo, qualquer que seja o efeito que se produz quando não há fármaco. Ou seja, que os analistas, se são cidadãos úteis, são avaliadores das práticas de uma civilização no campo da saúde mental, entendido como o campo efetivo das diferenças com respeito às normas. Os psicanalistas avaliam os procedimentos de segregação em uma dada sociedade. Por sua vez, são avaliados e o aceitam.

Tudo isto deve permitir, espero, tirar-nos do que foi aquela posição de exclusão de si mesmo, de exílio de si mesmo, de sua própria posição, cujo resultado foi o suposto analista furado, o analista que caiu no próprio buraco produzido por sua prática: o buraco dos ideais.

Por outro lado, na minha opinião, o analista que não se queixa, o analista que toma partido nos debates, o analista útil e cidadão, é perfeitamente compatível com as novas formas de assistência em saúde mental, formas democráticas, anti-normativas e irreduzíveis a uma causalidade ideal.

Em nosso mundo moderno, a causalidade é uma causalidade múltipla. Descobrimos isso em distintas teorias, inclusive na teoria do caos ou na teoria de causalidades que sobredeterminam muitos aspectos.

O que têm em comum os psiquiatras, os trabalhadores de saúde mental e os analistas é que sabemos



que as democracias e o laço social são coisas muito frágeis, baseadas em um manejo delicado das crenças sociais. As crenças sociais são ficções, mas são ficções que se deve respeitar, que se deve tratar. O que temos em comum é que conhecemos essas ficções. Frente a isso, uma tendência poderia consistir em depreciá-las, não crer em nada, e assim, o ponto de vista cínico do analista furado poderia se aproximar do ponto de vista cínico do psiquiatra que sabe que a crença social não tem limites.

Devemos lembrar que o desejo de curar, o desejo de curar próprio de quem está na saúde mental tem sombras. O desejo de curar, que permite incidir sobre a depressão, sobre a falta de existência efetiva de um desejo ou de um ideal, pode produzi-lo de novo. E tem um reverso: é que também pode conduzir a uma posição cínica. Não esqueçamos que dois psiquiatras sérvios estão na cabeça dos horrores mais insuportáveis que têm atravessado a história da Europa desde a Segunda Guerra Mundial. Radovan Karadzic é psiquiatra, é um trabalhador de saúde mental. Não se pode esquecer-lo!

Tradução: Helenice S. de Castro Revisão: Sérgio de Castro

---

<sup>1</sup> LAURENT, E. **El analista ciudadano**. In: *Notas Freudianas* n. 2, Asturias, 1996, p. 38-45. // Revista Curinga | EBP – MG | n. 13 | p. 07-13 | set. 1999



